

VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE EM MULHERES ACIMA DE 60 ANOS DE IDADE: INFLUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS

Laís Pinto da Costa¹

Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva²

Resumo: O presente estudo objetivou compreender quais fatores psicossociais influenciam a vivência da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade. Foi realizado um estudo qualitativo, de natureza descritiva em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 3 mulheres com idade acima de 60 anos, participantes do grupo de atividade física realizado pela Unidade Básica de Saúde – Bela Vista, em Curvelo – MG. Através da análise dos resultados foi possível perceber a influência de vários fatores sobre a sexualidade feminina, como as normativas de gênero, que determinam quais comportamentos são adequados para homens e mulheres. Outro fator foi a educação familiar, que rigidamente determinava os comportamentos adequados e reprimia os que não eram bem vistos pela sociedade, além de não abordar o tema. Quando questionadas sobre a vivência da sexualidade na fase adulta e na fase atual as idosas relataram a preferência pelo afeto, carinho e companheirismo, demonstrando que a sexualidade vai além do ato sexual. Todas as participantes relataram não ter relações sexuais atualmente, tal fato foi explicado por fatores como idade e falta de vontade. Com relação ao preconceito à sexualidade do idoso, duas idosas relataram não percebê-lo, e uma relatou perceber que as pessoas têm preconceito e creem que os idosos não estão aptos a vivenciar a sexualidade. Conclui-se que as idosas lidam bem com as transformações do corpo, demonstram satisfação e orgulho por estarem bem, e apesar de terem vivenciado conflitos sérios relacionados ao seu corpo e sexualidade, suas histórias revelam que transformaram de algum modo suas experiências.

Palavras-chave: Sexualidade, Fatores psicossociais, Idosas.

EXPERIENCE OF SEXUALITY IN WOMEN OVER 60 YEARS OLD: THE INFLUENCES OF PSYCHOSOCIAL FACTORS

Abstract: The present study aimed to understand which psychosocial factors influence the sexuality experience in women over 60 years of age. A qualitative and descriptive study was carried out in which semi-structured interviews were conducted with 3 women aged over 60 years, participants of the physical activity group performed by the Basic Health Unit - Bela Vista, in Curvelo city, in Minas Gerais a state from Brazil. From the analysis of the results it was possible to realize the influence of various factors on female sexuality, such as gender norms, that determine which behaviors are appropriate for men and women. Another factor was family education, which rigidly determined the appropriate behaviors and repressed those that were not well regarded by society, besides not approaching the theme. When questioned about the experience of sexuality in adulthood and in the current phase the elderly women reported the preference for affection, care and companionship, demonstrating that sexuality goes beyond the sexual act. All the participants reported not having sex relations currently, this fact was explained by factors such as age and lack of will. With regard to the prejudice on the sexuality of the elderly, two elderly women reported not noticing it, and one reported realizing that people prejudice and believe that the elderly are not able to experience sexuality. It is concluded that the elderly women deal well with the transformations of the body, show satisfaction and pride in being well, and despite having experienced serious conflicts related to their body and sexuality, their stories reveal that they somehow transformed their experiences.

Key words: Sexuality, Psychosocial Factors, Elderly.

¹Graduanda do Curso de Psicologia na Faculdade Ciências da Vida- FCV.

E-mail: laiscvo2008@hotmail.com

²Psicóloga graduada e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: sarangelicapsi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, o conceito de gênero que antes era sinônimo de sexo biológico passou a ser entendido como tudo aquilo que se associava às relações sociais entre os sexos e construções culturais (FERNANDES *et al.*, 2015). Para as mulheres é esperado que a sexualidade esteja estreitamente relacionada com a família e reprodução, e o casamento é a instituição adequada para sua vivência (LOURO, 2000). O homem é representado socialmente como o chefe da família e a mulher como frágil e submissa, no decorrer da história e décadas anteriores, muitas vezes, não tinha direito nem sobre o próprio corpo, pois o homem regulava inclusive as vontades sociais e sexuais femininas (DINIZ *et al.*, 2013).

Ao longo da vida, a mulher tem que lidar com tabus e preconceitos arraigados à sexualidade feminina, e ao se referir à mulher idosa, a sociedade acredita que as mudanças físicas e psicológicas causadas pelo envelhecimento a tornam assexuada. Comumente, a vivência da sexualidade relacionada a fatores cristãos e culturais está ligada a sentimentos de culpa e vergonha. Desta forma, o comportamento dos idosos com relação à seus corpos está permeado por representações fundamentadas nestes fatores, em especial as mulheres (DINIZ *et al.*, 2013).

Por se tratar de uma construção social, a vivência da sexualidade na velhice necessita ser vista sob um olhar que não esteja voltado apenas para a dimensão biológica. Dessa forma, compreender os fatores psicossociais que se inserem na vivência da sexualidade de mulheres acima de 60 anos de idade tem relevância científica, pois tais fatores influenciam no cotidiano e no bem estar dessas mulheres. Diante disso, o presente trabalho apresenta a seguinte questão norteadora: Quais fatores psicossociais influenciam a vivência da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade?

Com a finalidade de responder ao questionamento proposto acima foram levantadas duas hipóteses iniciais, a primeira considera que a sexualidade feminina é construída de forma subjetiva, sendo influenciada por normativas de gênero e a segunda considera que a experiência da sexualidade de mulheres acima de 60 anos

de idade é influenciada pelas mudanças provenientes das representações do envelhecimento.

O presente trabalho teve como objetivo geral compreender quais fatores psicossociais influenciam a vivência da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade. Com os objetivos específicos buscou identificar e descrever os principais fatores que influenciaram a construção da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade e investigar quais fatores influenciam a vivência atual da sexualidade para estas mulheres.

Como forma de obter uma resposta frente ao problema apresentado foi realizado um estudo de caso, de abordagem qualitativa e natureza descritiva. Foram entrevistadas 3 mulheres com idade acima de 60 anos participantes do grupo de atividade física realizado pela Unidade Básica de Saúde – Bela Vista, em Curvelo – MG. O instrumento utilizado para obtenção dos dados foi entrevista semiestruturada, com o objetivo de investigar como se dá a vivência da sexualidade para estas mulheres. A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo, que permite relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e associar o enunciado dos textos com os fatores que determinam suas características (BARDIN, 2009; MINAYO, 2007).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade é construída historicamente e socialmente, conforme as mudanças sociais são desenvolvidas ela também se transforma. Além disso, está intrinsecamente ligada à construção da identidade do indivíduo, à forma como vivencia suas relações e à significação das normas impostas pela sociedade (ALVES *et al.*, 2014). Desta forma, a sexualidade sofre influências sociais e culturais que determinam quais práticas sexuais são apropriadas ou não (GUIMARÃES, 2011).

Os estudos sobre mulheres publicados no período de 1960 até 1980, tinham como objetivo demonstrar quem eram e quais as atividades e papéis sociais desempenhados por elas na sociedade, junto a discussões sobre o lugar que

ocupavam nas esferas de poder (FEITOSA, 2003). O conceito de gênero que antes era sinônimo de sexo biológico a partir da década de 1980, passou a ser compreendido através das relações sociais e construções culturais, que determinavam os papéis de homens e mulheres (FERNANDES *et al.*, 2015).

A sexualidade obedece a uma dinâmica criada através das interações humanas e suas relações de poder estão entrelaçadas à arranjos sociais. Sua constituição emerge como uma construção influenciada mais por fatores socioculturais do que biológicos e influi na forma como as pessoas vivenciam seus desejos, afetos e prazeres, que vão além do ato sexual e se fazem presentes desde o nascimento até a velhice (LOPES, 2012).

As diferenças sexuais não são percebidas apenas na preocupação com o que é considerado comportamento masculino ou feminino, mas também por diferenciações no que são comportamentos adequados de acordo com as idades dos indivíduos, sendo a idade considerada uma categoria histórica e contingente, assim como o gênero e a sexualidade (POCAHI, 2011). Homens e mulheres envelhecem de formas distintas e esta distinção é em grande parte destacada pelos significados atribuídos aos corpos femininos e masculinos, muitas mulheres sentem-se forçadas a buscar um corpo jovem e belo, pois, geralmente, a feminilidade está associada à juventude (VEIGA, 2011).

Biologicamente o envelhecimento é considerado como uma etapa do ciclo natural da vida em que as alterações na disposição e aparência física são fortemente percebidas. Porém, a velhice é um processo muito mais complexo, que não pode se restringir apenas a aspectos biológicos, pois sofre grande influência de questões sociais, culturais e subjetivas. Homem e mulher continuam a apresentar interesse pelas relações sexuais durante a terceira idade, mas as transformações que ocorrem nesta etapa da vida podem prejudicar o prazer sexual. Para que não surjam dificuldades nas relações afetivas, é fundamental que haja uma adaptação às mudanças ocorridas (COSTA *et al.*, 2015).

A sociedade atrela o modelo de sucesso à juventude e ao status social, enquanto isso, a mulher que envelhece perde no social seu poder de atração. Neste sentido, começa a sentir-se incapaz de provocar o desejo do outro, colocando em xeque o seu desejo de ser amada, o que traz implicações em sua identidade social. A importância social que um corpo permanentemente jovem e bem modelado possui

incide não apenas nas representações e na construção do imaginário, mas sobre a própria subjetividade das mulheres. Pesquisas veiculadas na grande mídia apontam tanto a insatisfação das mulheres com o seu corpo e sua aparência, quanto às tentativas de modificá-lo. Insatisfação que aumenta proporcionalmente à idade, relativas à aparência que interferem diretamente nas relações afetivas, na autoestima e numa exigência pela capacidade de atração e sedução (MENDONÇA, 2011).

Abordar o tema sexualidade ainda constitui um tabu, repleto de repressões ético-religiosas e culturais, relacionar a sexualidade ao universo da velhice chega a ser, muitas vezes, considerado como algo ofensivo e imoral. Isso ocorre devido ao modelo de sexualidade considerado como “normal” que é centrado no culto ao corpo, à juventude, à beleza, na fonte de prazer relacionada ao ato sexual e para fins de procriação, sobretudo no que diz respeito às mulheres (LEÃO; SASSAKI, 2016).

A sociedade considera o idoso como assexuado, excluindo a possibilidade de que os mesmos tenham desejos e uma vida sexual ativa, por acreditar que o envelhecimento os coloca fora de um padrão de corpo ideal, o que interfere de forma negativa na qualidade de vida dessa população. Por outro lado, sabe-se que a vivência da sexualidade está presente tanto no cotidiano dos jovens, quanto dos idosos e poder expressar e vivenciar a sexualidade de maneira livre e espontânea contribui para a saúde física e mental do idoso (VIEIRA *et al.*, 2012).

Por se tratar de uma construção social, a vivência da sexualidade na velhice necessita ser vista sob um olhar que não esteja voltado apenas para a dimensão biológica. Dessa forma, conhecer as representações sociais da sexualidade feminina significa compreender o significado deste fenômeno, investigando a presença dos mitos e preconceitos que permeiam este processo e que norteiam o comportamento das mulheres no que diz respeito às suas vivências sexuais (VIEIRA *et al.*, 2012).

Com o passar do tempo a sexualidade se transforma, as pessoas mudam, envelhecem e passam a vivenciá-la cada vez mais de forma subjetiva. A forma como esta vivência ocorre revela o que o indivíduo é, na sua história pessoal, bem como a forma de lidar com o envelhecimento. Através do discurso dos idosos é possível perceber que a sexualidade é vista como algo complexo, que inclui sentimentos e comportamentos que não se restringem apenas ao ato sexual (VIEIRA *et al.*, 2012).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do presente projeto foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva, tendo por objetivo compreender quais fatores psicossociais influenciam a vivência da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade. As pesquisas descritivas têm como objetivo à descrição das características de determinada população ou fenômeno, são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (GIL, 2002).

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, este tipo de pesquisa tem sido muito utilizado nas ciências sociais e permite a melhor compreensão do mundo social e histórico dos indivíduos a partir da análise das considerações dos sujeitos pesquisados (ZAPELINI; ZAPELINI, 2013). Quanto aos meios esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que consiste no estudo de um ou poucos objetos, de forma que permita seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2002).

Foram entrevistadas três mulheres com idade acima de 60 anos participantes do grupo de atividade física realizado pela Unidade Básica de Saúde – Bela Vista, em Curvelo – MG. As idosas foram contatadas pessoalmente e convidadas a participar da pesquisa, sendo agendado o local, dia e horário para a realização das entrevistas de acordo com a preferência das participantes. Na ocasião, foram expostos os objetivos da pesquisa e seus aspectos éticos e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura prévia.

O instrumento utilizado para obtenção dos dados foi uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de investigar a vivência da sexualidade para estas mulheres. Seguiu-se um roteiro que guiou as entrevistas, o pequeno número de três entrevistadas foi mantido, pois percebeu-se um grande volume de dados, aproximando a entrevista semiestruturada à entrevista em profundidade. As idosas se sentiram à vontade para relatar casos específicos de suas vidas com riqueza de detalhes.

A fim de preservar suas identidades, as mulheres participantes foram identificadas utilizando E1, E2 e E3. A entrevistada 1 (E1), tem 66 anos, possui

ensino fundamental incompleto, é aposentada e viúva; a entrevistada 2 (E2), tem 82 anos, possui ensino fundamental incompleto, é aposentada e casada; a entrevistada 3 (E3), tem 74 anos, possui ensino fundamental completo, é aposentada e divorciada.

A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo, que permite relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Desse modo pode-se associar o enunciado dos textos com os fatores que possivelmente determinam suas características, como variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção de mensagem. A partir daí o pesquisador propõe inferências e realiza interpretações (BARDIN, 2009; MINAYO, 2007). Nesse processo surgiram duas categorias de análise: 1) Constituição da sexualidade feminina e 2) Vivência da sexualidade na fase adulta e na fase atual.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

A geração de idosos da atualidade vivenciou com mais força as relações de poder e naturalizou mais veementemente noções sobre papéis masculinos e femininos. Tais papéis foram baseados num modelo tradicional, regido pelo patriarcado, em que havia uma nítida fronteira entre a esfera pública (domínio masculino) e a privada (domínio feminino), ou seja, os idosos vivenciaram fortes desigualdades, principalmente com relação às determinações sobre a sexualidade e a corporeidade (REZENDE, 2015).

Nesse contexto, as desigualdades entre homens e mulheres acabavam tornando as mulheres vulneráveis à força e vontade masculina. Desta forma, a mulher muitas vezes não podia fazer escolhas e não tinha nem mesmo o direito sobre o próprio corpo respeitado (DINIZ et al., 2013). Um exemplo disso encontramos no depoimento de uma das entrevistadas:

“(…) com vinte e poucos anos eu fui estuprada, até não chegou a ser estuprada, mas eu fiquei grávida, então eu tenho um filho, e foi meu irmão, o pior é que eu era noiva, e ele também era, ele me pegou dormindo, depois disso ele mudou de lá, meu pai queria me matar (...), foi coisa só por fora mesmo e foi rápido porque eu acordei, na hora que eu acordei ele me sujigou, eu virei e ele saiu, eu vi que não aconteceu nada, também não falei nada e foi passando” (E1, 66 anos).

A entrevistada 1 no momento da entrevista não confirma o estupro, nem o incesto é nomeado, também não houve a demonstração de repulsa, nojo ou horror. O fato foi contado destituído dessas sensações, a entrevistada demonstrou, por outro lado, o sentimento de tristeza diante da lembrança de ter sido hostilizada pelo pai e pelo noivo ter a deixado ao saber o que havia acontecido. A violência que sofreu foi, de certa forma, naturalizada, camuflada. Ter um filho antes do casamento aparentemente parece ter sido mais grave do que o incesto, a punição social e familiar esteve voltada para ela, tamanha a força do patriarcado.

Neste sentido, o patriarcado no relato desta entrevistada aparece de algumas formas: uma pela punição de ter tido um filho e da defloração fora do casamento; outra pelo incesto ter sido “não completamente assumido” pela entrevistada. Isso reforça e confirma a percepção de que homens possuem um desejo sexual incontrolável, portanto, socialmente cabe a mulher controlá-los “não despertando seu desejo”. Por último, percebe-se o total controle do homem sobre a sexualidade feminina: por parte do irmão, que a molestou sexualmente; por parte do pai, que a puniu; por parte do noivo, que a deixou após saber que teve um filho.

Embora essa entrevistada tenha vivido essa situação, ela também relata o controle que exerceu sobre os homens que posteriormente se interessaram por ela. O limite que ela conseguiu dar foi de “respeitá-la como moça” (E1,66 anos), isto é, não poderiam manter com ela relações sexuais antes do casamento. A partir dessa espera e respeito pela tradição do casamento é possível inferir que a entrevistada não introjetou completamente para si o estereótipo da mulher “pecaminosa” que se permitiu ser deflorada.

A sexualidade é regulada pela sociedade através de leis, tabus e pressões familiares que determinam que os indivíduos obedeçam a determinadas normas de comportamento sexual. Desta forma, a questão psicossocial da sexualidade abarca

fatores psicológicos combinados a elementos sociais (VIEIRA, 2012). Sobre a influência da família sobre a sexualidade podemos perceber a rigidez na educação nas seguintes falas:

“(...) meu pai era bravo, nunca aceitou nem eu segurar na mão de um rapaz, nós crescemos e viramos moça sem nenhum rapaz dá nem um beijo em nós” (E1, 66 anos).

“(...) não podia usar calça nenhuma, não podia cortar o cabelo, batom, esmalte, nada disso podia, disse que tudo era do capeta e a gente acreditava em tudo (risos), (...) a minha irmã cortou o cabelo escondido da minha mãe, mas não cortou curtinho não, cortou um pedaço, minha mãe fez meu irmão mais velho, que já até morreu, segurar ela e raspou a cabeça dela todinha, porque não podia mesmo, não podia” (E3, 74 anos).

Percebe-se que as entrevistadas relatam a rigidez no cuidado com o corpo e no trato com a sexualidade. O silenciamento era a típica forma de lidar com a sexualidade feminina, já que está a cargo da mulher controlar a sexualidade instintiva do homem através da contenção da sua própria sexualidade. Não mostrar o corpo, deixar o cabelo longo, mostrava seriedade e que elas eram moças “para casar”. Nota-se que esta lógica, descrita por Fernandes e Maluf-Souza (2011), é fundamentada em valores religiosos de que a mulher possui duas imagens clássicas, a da pecaminosa, e a santa.

Esta lógica é também largamente discutida por Del Priore (1993), ao descrever a formação do imaginário corporal feminino no Brasil. Del Priore (1993), aprofunda a sua análise quando diz que o corpo da mulher próprio para dar prazer ao homem era considerado o corpo de uma meretriz. Neste sentido, a sexualidade de uma dona de casa deveria ter um aparato de regras que assegurasse não “se tornar” uma meretriz.

Junto à rigidez na educação também estava presente a falta de diálogo sobre temas relacionados à sexualidade nas famílias das entrevistadas. A falta de informação com relação ao tema foi unânime entre elas:

“Minha mãe morreu eu tinha 12 anos, só tinha o meu pai, aí a gente não conversava sobre isso” (E1, 66 anos).

Faculdade Ciências da Vida - FCV

“Vou te falar francamente que eu casei com 17 anos, casei sem saber nada, naquela época a gente não sabia nada de sexo, a minha criação foi muito reservada, meus pais eram muito bravos, então a gente não tinha contato com pessoas assim, com muito colega e não sabia não, não tinha mãe, eu perdi minha mãe com 8 anos e não sabia nada de sexo, quando eu casei eu não sabia nada” (E2, 82 anos).

“(...)praticamente o pessoal não falava nem em menstruação, mãe não conversava essas coisas com a gente não, era o tempo do segredo mesmo né (...)” (E3, 74 anos).

Ainda como formas de controle da sexualidade, Louro (2000) e Fernandes (2009), concordam que por muitos séculos, a sexualidade foi vista como sinônimo de sexo e diretamente ligada à reprodução. Este processo de associação surgiu através das exigências de fatores sociais, políticos e religiosos, visando o controle da possibilidade do prazer sexual natural antes do casamento, pois a vivência da sexualidade tinha como instituição adequada o casamento. Este fato fica evidente nas falas das entrevistadas:

“(...) eu era uma moça que nunca tinha dado nem um beijo num rapaz, ia casar purinha e aí aconteceu isso (estupro)” (E1, 66 anos).

“(...) eu casei virgem, porque eu não cedia, até hoje eu gosto de brincar quando tem alguma coisa eu falo “minha religião não permite”, de brincadeira, mas antes era verdade, eu falava “minha religião não permite” e casei virgem mesmo(...)” (E3, 74 anos).

Desta forma é possível perceber as relações de gênero como mecanismos sociais de dominação e subordinação, que determinam os comportamentos adequados para homens e para mulheres. Para homens, o controle se dá apenas pela exigência da heterossexualidade, ser passivo é considerado desastroso para a masculinidade. Por outro lado, as mulheres devem ser controladas através de regras e normas, as vezes não ditas, como no caso das entrevistadas, a manutenção no lugar de mulher “para casar”. Particularmente as mulheres idosas de hoje tiveram uma educação marcada pela obediência, pelas desigualdades e pelo controle familiar através da vigilância, punição e violência (FERNANDES, 2009).

4.2 VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE NA FASE ADULTA E NA FASE ATUAL

Conforme exposto anteriormente, a sexualidade obedece a uma dinâmica social influenciada por fatores socioculturais durante todas as fases da vida. Cada fase, segue uma forma de controle (LOPES, 2012). As entrevistadas quando questionadas sobre as vivências da sexualidade na fase adulta e na fase atual relataram a preferência pelo carinho e companheirismo, demonstrando nas seguintes falas que a sexualidade vai muito além do ato sexual:

“(…) depois que meu marido morreu, uns seis, sete anos eu arrumei um namorado, aí falei com ele: não quero casar, não quero morar com ninguém, é você na sua casa e eu na minha, aí nós ficamos 4 anos assim, depois eu vi que não tava valendo a pena e terminei com ele e nunca mais arrumei ninguém. Eu não gostei dele porque ele nunca tinha tempo de sair comigo sabe, ele queria só sexo, aí eu falei, só sexo não, pra quê?!” (E1, 66 anos).

“Eu acho assim, que a vida da gente assim, sente falta de carinho, porque a boa vivência não é só o sexo, a gente pode viver satisfeito assim, com um abraço, um carinho né, tudo faz parte da vida da gente né, o sexo não é tão importante não, porque eu acho que muitas vezes o carinho, a palavra, o abraço, tudo é, faz parte da vida da gente né” (E2, 82 anos).

“(…) eu acho que esse negócio de sexo pra muitos é tudo, é tudo no casamento e eu, pra mim ele só completa alguma coisa (...) pra mim o companheirismo, a amizade, a confiança, conta mais do que o “vamos ver” mesmo (risos), mas há pessoas que já não é assim né, se não tiver isso não tem casamento, mas pra mim não é isso não, pra mim tem muita coisa e as outras coisa faz muito mais parte do que isso” (E3, 74 anos).

Na velhice, o êxito nos relacionamentos depende da intimidade e da possibilidade de experimentar sentimentos verdadeiros, com segurança, carinho e reciprocidade (MARINHO *et al.*, 2008). A vivência das relações sexuais das mulheres idosas está relacionada à oportunidade representada pela situação conjugal. Com relação às participantes da pesquisa, é possível afirmar que as mesmas tiveram poucas oportunidades de vivenciar a sexualidade nesta fase, todas relataram não ter relações sexuais atualmente.

Faculdade Ciências da Vida - FCV

Ao serem questionadas sobre as diferenças na vivência da sexualidade antes e hoje as entrevistadas relataram:

“Tem diferença, porque pela minha idade mesmo, hoje né já não pratico mais o sexo” (E2, 82 anos).

“No início, quando eu separei, não é direto não, mas as vezes sei lá, acho que eu sentia um pouquinho de vontade mesmo, não tinha assim, pensar naquela pessoa, mas sentia né, mas hoje acho que acostumou, acho que o organismo, sei lá, eu imagino que é o organismo que acostumou né, que não tem mesmo, tem muitos anos que eu não sinto nada (...) eu acho também que, eu já tirei o útero e tudo isso conta as vezes, sei lá, hoje não, já tem um tempo assim, não faz diferença mais não. Depois que separei nunca mais namorei (risos)” (E3, 74 anos).

A sociedade contemporânea apresenta valores culturais que emparelham o modelo de sucesso à juventude, desta forma os indivíduos idosos tendem a ser anulados em termos de atração e aptidão sexual, principalmente as mulheres. Sendo assim, muitas apresentam insatisfação com o próprio corpo (MENDONÇA, 2011). Tal fato não foi percebido nos discursos das entrevistadas, como pode ser percebido nas seguintes falas:

“Com o passar do tempo muda tudo, o corpo já não é o mesmo, mas aceito as transformações muito bem, tenho orgulho de tá nessa idade do jeito que eu tô” (E1, 66 anos).

“Eu aceito as transformações, acho que é normal” (E2, 82 anos).

“Eu adoro a minha idade, no dia do meu aniversário agradeço a Deus por tá viva e o povo fala: nunca vi ninguém gostar tanto da idade, e eu falo que gosto mesmo, porque eu tô aqui de passagem e eu tô no lucro, com 74 anos é lucro do jeito que eu tô, se eu continuar assim eu posso chegar nos 80, agora, se não for bem assim não precisa chegar também não (risos). Mas eu me acho muito bem, assim, com a mudança da minha idade, não me incomodou em nada não, até aqui não” (E3, 74 anos).

Debert e Brigadeiro (2012) percebem que a mudança de concepção em relação ao corpo e da sexualidade, se pautam na ideia de que a juventude pode ser prolongada. Com isso, há uma atual erotização do idoso, uma tentativa de se obter o prazer sexual, através do ato sexual em si, de formas similares as que se obtinham

na juventude. Dois movimentos biomédicos atuais são percebidos, um que preconiza o prolongamento das experiências sexuais, de forma que o homem idoso continue obtendo os mesmos prazeres sexuais que obtinha na juventude, e a mulher idosa conheça seu corpo e obtenha prazeres antes “proibidos”, como através da masturbação; e outro que preconiza a descentralização do órgão sexual para o restante do corpo, uma espécie de difusão corporal da sexualidade, a qual muda a concepção da sexualidade para homens e mantém a forma feminina de se pensar a sexualidade.

Neste sentido, as mulheres durante o envelhecimento, podem pensar em prazeres antes impensados, o que não é o caso das entrevistadas. E também poderiam pensá-la de forma difusa pelo corpo, com carinhos e companheirismo, o que aparece na experiência das mulheres desta pesquisa. A sexualidade delas, neste sentido, não perpassam pelo ato sexual em si, como mostra a entrevistada 1. Para elas é mais importante o companheirismo do que o ato sexual. Isso mostra que, a sexualidade vivenciada no momento retrata uma história pessoal de experiências em relação à sexualidade. E não há como impor um ou outro modo de vivenciá-la.

Por fim, o preconceito com relação a sexualidade na terceira idade ainda se faz presente nos dias atuais, visto que a sociedade ainda percebe a sexualidade do idoso como algo inadequado ou estranho (ALENCAR *et al.*, 2014). Contudo, das três idosas entrevistadas apenas uma relatou perceber este preconceito, como podemos observar na seguinte fala:

“Eu acho que eles pensam que a gente não tá com nada mais não (risos), porque antigamente tinha até um ditado assim: “tá boa de pegar o rosário e rezar viu”, mas eu não penso assim não, eu acho que se tiver vontade, ágil pro negócio, não tem idade não, mas eu acho que as pessoas têm preconceito sim, eu não tenho, mas eu acredito que tem muita gente que tem” (E3, 74 anos).

Embora as demais entrevistadas não tenham relatado perceber preconceito com relação a sexualidade dos idosos, ainda se faz necessário que a sociedade repense o modo como enxerga a sexualidade dos idosos. Pois, poder vivenciar a sexualidade de forma livre e espontânea coopera para a saúde física e mental do idoso (VIEIRA *et al.*, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo buscou-se compreender os fatores psicossociais que influenciam a vivência da sexualidade em mulheres acima de 60 anos de idade. A partir da análise dos resultados, foi possível perceber a influência de vários fatores sobre a sexualidade feminina, dentre eles estão as normativas de gênero, que determinam quais comportamentos são adequados para homens e mulheres. A sexualidade é construída de forma subjetiva e moldada a partir das exigências sociais, que se fazem presentes desde a infância.

Outro fator que exerce influência sobre a sexualidade feminina, percebido através do discurso das mulheres participantes foi a educação familiar, que de forma rígida determinava os comportamentos adequados e reprimia os que não eram bem vistos pela sociedade. Além disso, a sexualidade, sexo e corpo não eram abordados “livremente”, mas sabia-se as normas que os envolviam, as quais podiam ser ditas ou não. A falta do diálogo e, conseqüentemente, de informações gerava desconhecimento sobre diversos assuntos, inclusive sobre a menstruação.

Quando questionadas sobre a vivência da sexualidade na fase adulta e na fase atual as idosas relataram a preferência pelo afeto, carinho e companheirismo, demonstrando que a sexualidade, para elas, vai além do ato sexual. Todas as participantes relataram não ter relações sexuais atualmente, tal fato foi explicado por fatores como idade e falta de vontade.

Também foi possível perceber que as idosas lidam de forma positiva com as transformações do corpo, demonstrando satisfação e orgulho por estarem bem. Com relação ao preconceito à sexualidade do idoso, duas idosas relataram não percebê-lo, já pelo discurso da outra idosa foi possível perceber que a mesma acredita que as pessoas têm preconceito e creem que os idosos não estão aptos a vivenciar a sexualidade.

Com o estudo também foi possível compreender que a articulação entre gênero, sexualidade e velhice é densa. Porém, necessária, tendo em vista as implicações dos mesmos sobre a vida dos indivíduos. Deste modo, é fundamental que a visão da sexualidade da mulher idosa seja repensada pela sociedade, pois poder vivenciá-la de forma livre e espontânea contribui para sua qualidade de vida.

Embora se saiba das limitações deste estudo, como análise de apenas artigos em língua portuguesa e o fato de somente idosas pertencentes ao grupo de atividade física realizado pela Unidade Básica de Saúde – Bela Vista, em Curvelo – MG, terem participado da pesquisa, espera-se que este possa contribuir para o desenvolvimento de novos estudos. Estes poderão proporcionar novos dados relacionados a influência de fatores psicossociais sobre a sexualidade de mulheres acima de 60 anos de idade, tendo em vista sua importância para a qualidade de vida das idosas e o fato de que na contemporaneidade se fazem presentes novas formas de pensar processos socioculturais relacionados ao envelhecimento e a educação patriarcal. Já que percebeu-se a presença da violência velada na histórias dessas mulheres. Para um entendimento mais abrangente sobre a temática proposta, sugere-se a futuros trabalhos que sejam realizadas pesquisas com maior número de participantes, a fim de proporcionar comparativos dos dados levantados.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, D. L. *et al.* **Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8):3533-3542, 2014.
- ALVES, A. C. *et al.* **Construção da sexualidade: normas de gênero e sexualidade.** *Revista Eletrônica FEOL – REFEO*L, v.1, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.
- COSTA, R. B. *et al.* **Sexualidade em idosas participantes de um grupo de convivência.** *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 8, n. 2, p. 239-245, maio/ago. 2015.
- DEBERT, G.; BRIGADEIRO, M. **Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 37-54, 2012.
- DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.** Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.
- DINIZ, N. R. C. *et al.* **Discursos de mulheres idosas sobre sua sexualidade.** *Clínica e Cultura*, v. V, n. I, 2013.

FEITOSA, L.M.G.C. **História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 13: 101-115,2003.

FERNANDES, M. G. M. **Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração.** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, F. S.; MALUF-SOUZA, O. **CASTIDADE E LUXÚRIA: UMA DUALIDADE CONSTITUTIVA DA IMAGEM FEMININA.** In: V Seminário de estudos em análise do discurso - O acontecimento do discurso: filiações e rupturas, 2011, Porto Alegre. Anais do V SEAD - Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS. v. 5. p. 1-5, 2011.

FERNANDES, J. *et al.* **Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura.** Clínica & Cultura v. IV, n. I, jan/jun, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, T. F. **A construção do corpo sexuado: uma reflexão sobre os significados de gênero e de como este se articula com o corpo.** Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 24, n. 02, jul/dez, 2011.

LEÃO, A. A. M. P.; SASSAKI, Y. **Um retrato da sexualidade da mulher idosa no conto “Mas vai chover”, de Clarice Lispector.** Revista Graphos, vol. 18, nº 1, 2016.

LOPES, E. S. **Qual o lugar da sexualidade em tempos de contemporaneidades? Discursos, alteridades e representações na sala de aula.** Universidade do Estado da Bahia – Programa de Pós-graduação de Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), 2012.

LOURO, G. **Currículo, gênero e sexualidade.** (Coleção Currículo, políticas e práticas). Lisboa: Porto, 2000.

MARINHO, C.L.A.; LEÃO, D.B.M., PONTES, J.L.; et al. **O entendimento de idosos a respeito da sexualidade.** Rev. Enferm. UFPE online. 2(3):278-83; jul./set, 2008.

MENDONÇA, M. L. M. **Imagens do envelhecimento: como a mídia brasileira representa a mulher de meia idade.** Comunicação & Informação, Goiânia, GO, v. 14, n. 2, p.139-153, jul/dez, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

POCAHY, F. A. **A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade.** Revista Polis e Psique, 1, 254-275, 2011.

REZENDE, D. L. **Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda.** Revista Pensamento Plural, 2015.

VEIGA, M. R. M. **O corpo feminino na maturidade: gênero, sexualidade e envelhecimento.** Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2011.

VIEIRA, K. F. L. *et al.* **Sexualidade na velhice: um estudo de representações sociais.** Psicologia e Saber Social, 1(1), 120-128, 2012.

ZAPELINI, M. B.; ZAPELINI, S. M. K. **Metodologia científica e da pesquisa.** Faculdade Fean, Florianópolis, 2013.

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

JUVENTUDE

- 1- Como a senhora conheceu a sexualidade? Era um tema tratado com naturalidade ou não?
- 2- Como o tema sexo era tratado na sua família?
- 3- Como era visto o corpo feminino na sua juventude? O que se falava, restrições, cuidados.
- 4- Tem alguma lembrança da sua sexualidade na juventude que te marcou?

FASE ADULTA

- 1- Como foram as vivências sexuais da senhora na vida adulta? (Satisfação com relação a sexualidade e com o corpo).
- 2- Qual a importância das vivências sexuais para senhora na fase adulta?

FASE ATUAL

- 1- A senhora considera que há diferenças na vivência da sua sexualidade de antes e hoje? Se considera, a que atribui essas diferenças?
- 2- A senhora considera que há diferenças entre a forma como se manifesta a sexualidade dos homens e das mulheres?
Se considera que há diferenças, a que atribui essas diferenças?
- 3- Como a senhora percebe as transformações em seu corpo?
- 4- Sente que as vivências sexuais são importantes para sua qualidade de vida?
De que forma?

Faculdade Ciências da Vida - FCV

- 5- A senhora se preocupa com o que os outros vão pensar quando vivencia sua sexualidade?
- 6- Como a senhora acha que a sociedade percebe a sexualidade da pessoa idosa?
- 7- De que forma a senhora percebe que a religião interfere em sua sexualidade?